

Índios libertam os refêns. Mas a tensão permanece

Caiapós já têm a garantia de que suas terras serão demarcadas. A decisão do governo, porém, irritou fazendeiros e madeireiros da região, que ameaçam até pegar em armas para resistir

Os índios caiapós da Reserva Baú, no sudoeste do Pará, libertaram ontem os 16 turistas e pescadores esportivos – dez de Avaré (SP) e seis de Novo Progresso (PA) – que foram mantidos como refêns durante sete dias numa clareira a dez quilômetros da margem esquerda do Rio Curuá.

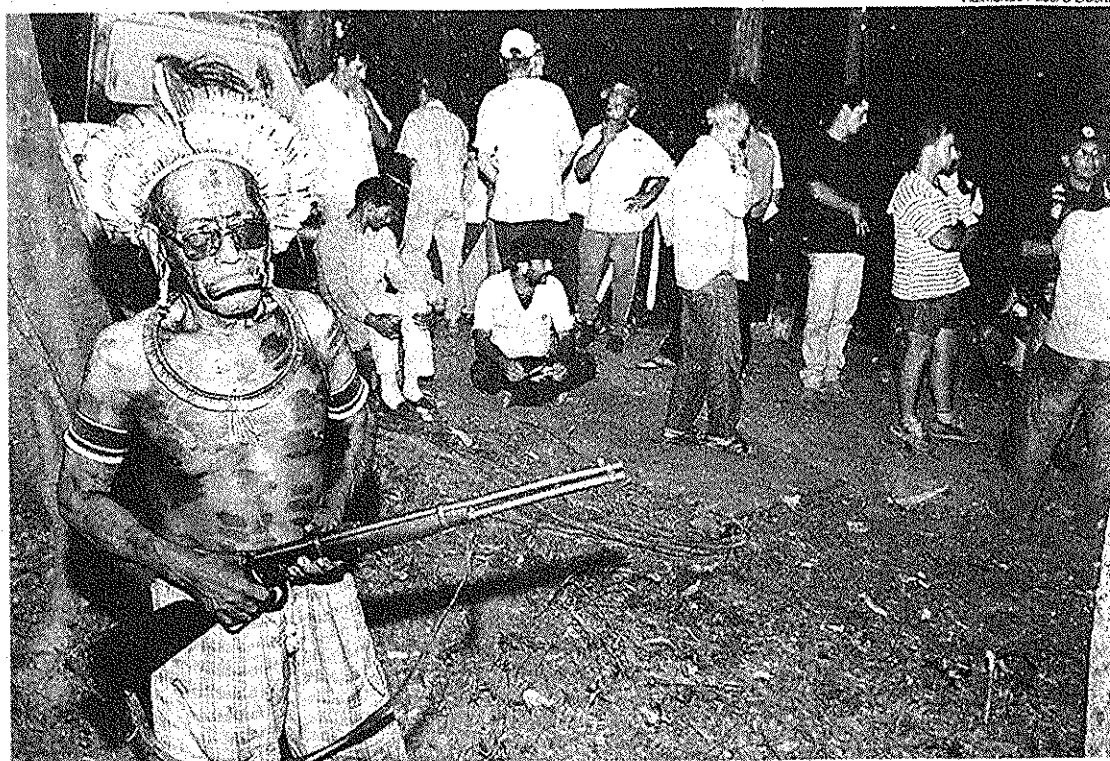
Onze refêns foram liberados de madrugada e outros cinco logo ao amanhecer. Os índios devolveram barcos e duas camionetes.

Acompanhados por um delegado e dez agentes da Polícia Federal, os pescadores foram levados para Novo Progresso, onde prestaram depoimento.

A libertação do grupo só foi possível depois que o chefe do posto da Fundação Nacional do Índio (Funai) em Colider (MT), cacique Megarom Txucarramãe, leu pelo rádio de comunicação com a aldeia o documento assinado pelo ministro da Justiça, José Gregori, determinando à direção da Funai a demarcação imediata da reserva dos caiapós.

“Eu tive de ler e repetir várias vezes o documento para que os índios acreditassem”, contou Megarom, que viajou pela manhã para a aldeia levando a cópia da portaria assinada pelo ministro.

“Graças a Deus, o tormento acabou”, comemorou o mecânico aposentado Frederico Landi Filho, de 70 anos, que é diabético



TENSÃO BILATERAL: índio caiapó armado tomava conta dos refêns. Agora, ameaça vem dos fazendeiros

co e chegou a passar mal no cativo por falta de insulina.

“Eu tinha muita fé em que tudo ia acabar bem, mas cheguei a ficar com medo da reação dos índios.”

Abraçado aos filhos e ao sobrinho – que também haviam sido capturados –, o aposentado chorava lembrando os momentos difíceis.

“Os índios me disseram que eles não têm nada contra nós, mas contra o governo federal, que há dez anos vem prometendo demarcar a reserva”, contou. “Eles até me convidaram para uma pescaria; fiquei amigo deles.”

Luiz Alberto Landi disse que nunca entendeu por que o grupo virou refém dos caiapós. “Ninguém sabia o que estava acontecendo; os índios gesticu-

lavam muito e falavam na língua deles”, lembrou. “Só muito depois um cacique explicou que nós estávamos ali por culpa do governo.”

Contra a demarcação

Em Brasília, a assessoria de imprensa da Funai informou que a verba para a demarcação da Reserva Baú já existe. O dinheiro é do Programa para a Proteção de Florestas Tropicais, órgão ligado à Organização das Nações Unidas (ONU).

O prefeito de Novo Progresso, Juscelino Rodrigues (PS-DB), está mobilizando os produtores rurais, fazendeiros e madeireiros contra a demarcação da Reserva Baú.

Ele alega que a área é muito grande para abrigar apenas 120 índios. “Vamos brigar até

no Supremo Tribunal Federal pelos direitos do nosso município”, declarou.

Os fazendeiros da região entendem que a margem esquerda do Curuá seria o limite natural da reserva, e não 30 quilômetros além da margem direita, como querem os caiapós.

A portaria do ministro José Gregori determina que sejam demarcados 1,85 milhão de hectares numa extensão de 700 quilômetros, incluindo os 30 quilômetros além da margem direita do rio.

“Quero ver quem é o macho que vai me tirar daqui; vou defender minha terra à bala”, disse João Batista da Silva, dono de uma fazenda de 1.358 hectares na área de demarcação.

Carlos Mendes/AE

Bananas, orações e saudades

“Eu até pensei que iria virar macaco, de tanta banana que comi nesses dias”, brincou Luiz Alberto Landi, um dos refêns que os caiapós mantiveram em cativeiro no

Pará por uma semana, na primeira ligação telefônica que fez para a mulher, Vera Lúcia, em Avaré (SP).

A chamada foi feita ontem pela manhã de um telefone público em Novo Progresso (PA). Landi disse à mulher que todos os familiares feitos refêns estão bem e que seu pai, Frederico Landi Filho, diabético, recuperou-se depois que voltou a receber os medicamentos, ainda no cativeiro.

Os Landi viajariam ontem para Sinop, em Mato Grosso, para encontrar-se com o médico Edson Nascimento, parente da família, que desde domingo trabalhou nas negociações para a libertação dos refêns. Depois, o grupo segue para Avaré, onde será recebido com festa.

Vera Lúcia contou que a família está sensibilizada com as manifestações de carinho de amigos e até de desconhecidos nos últimos

dias. Foram missas, mensagens, orações. Ela também destacou o trabalho da imprensa. “Nossos maridos não estavam ilegalmente na área e não queriam confronto com os índios, e isso ficou claro no noticiário”, disse.

Vera vem colecionando recortes das reportagens. Vão virar documento de um momento dramático da família Landi.

Jair Aceituno